



PERU

Keiko escala seu time

As primeiras escolhas da presidente para o ministério, que entra em campo hoje, dão pistas sobre prioridades nas pautas econômica e social e na agenda externa. Na frente política, seu partido fez o presidente do Senado

» SILVIO QUEIROZ

Na véspera de tomar posse como presidente do Peru, Keiko Fujimori deu ontem pistas importantes sobre as prioridades que definiu para seu governo, que começa hoje e tem como desafio de maior alcance recuperar a estabilidade política. O país colecionou oito presidentes nos últimos 10 anos, e, desde a virada do século, praticamente todos tiveram problemas com a Justiça — ou foram destituídos pelo Legislativo (**leia quadro**). Eleita por margem mínima de votos, a filha do controverso ex-presidente Alberto Fujimori começa a dar contornos a uma agenda imediata capaz de viabilizar seu chamado à reconciliação nacional e favorecer a costura de uma maioria no novo Congresso, que volta a ser bicameral após três décadas.

Estão associadas a esse movimento as primeiras nomeações de peso para a equipe. O vice de Keiko, Luis Galarreta, aliado de longa data e parceiro em suas tentativas anteriores de chegar ao poder, será o próximo primeiro-ministro. Nas declarações que se seguiram ao anúncio, Galarreta fixou como objetivos principais reduzir os índices elevados de insegurança pública, de maneira a tornar o Peru mais atraente para investimentos e, assim gerar empregos — algo que apontou como chave para reduzir a pobreza e as desigualdades.

A nomeação foi acompanhada pela do ministro da Economia, Elmer Cuba, economista de pronunciada orientação pró-mercado e ex-diretor do Banco Central peruano. Em outro eixo da construção política e econômica, o partido de Keiko, Força Popular, articulou uma aliança com o também diretista Renovação Popular para fazer o novo presidente do Senado, restabelecido para a próxima legislatura. Miguel Torres foi eleito com o voto de 30 dos 60 senadores — conta justa que relembra as dificuldades à frente para a mandataria. Na Câmara, o Força Popular conta com 40 dos 130 deputados.

Prioridades

“Keiko Fujimori terá de formar um gabinete amplo e evitar novos confrontos entre Executivo e Congresso”, observa o professor de relações internacionais Roberto Uebel, da ESPM. em entrevista ao **Correio**. “Sem uma coalizão estável, poderá reproduzir a instabilidade política que marcou o Peru desde 2016.” Roberto Goulart Menezes, professor titular do Instituto de Relações Internacionais (Irel) da UnB, reforça: ela “terá de negociar



Não vejo espaço para adesão automática aos EUA: a China é o principal parceiro comercial peruano e controla investimentos estratégicos”

Roberto Uebel,
professor de relações internacionais da ESPM

seus projetos — como Javier Milei, na Argentina”. Menezes aposta que a implantação da agenda “certamente” produzirá choques na sociedade: “É um país cansado, vem de uma sucessão de presidentes que não conseguiram passar muito tempo no poder, que caíram sem dar sequer os primeiros passos. O primeiro desafio dela será colocar seu governo de pé”.

O professor da UnB acredita que, entre as prioridades, a presidente “vai recolocar o tema da segurança, o modelo que El Salvador vem ‘exportando’ para a extrema-direita da região, como no Equador”. O colega da ESPM aponta o mesmo item como foco da pauta social, “especialmente as extorções e o crime organizado”. Mas alerta para o desafio de “não transformar a promessa de ‘mão dura’ em militarização ineficaz”, sob pena de não conseguir “se afastar da imagem autoritária do pai”. No terreno econômico, Keiko “deverá transformar estabilidade de macroeconômica em emprego e renda, enfrentando alta informalidade, indicadores elevados de pobreza e baixa produtividade”.

Frente externa

Ao longo da campanha, em especial no segundo turno contra o esquerdista Roberto Sánchez, Keiko ressaltou sua proximidade com os Estados Unidos e, em particular, com Donald Trump — que lhe deu apoio público. Na formação do governo, a opção preferencial por Washington se concretizou na escolha do jornalista Carlos Espá como ministro das Relações Exteriores. Mais conhecido do público como diretor do programa de TV investigativo *Cuarto poder*, Espá respondeu por 15 anos pela área de imprensa e cultura da embaixada norte-americana em Lima.

“Esse alinhamento deverá aparecer principalmente em temas de

Connie France/AFP



Keiko Fujimori acena para a imprensa na chegada à Chancelaria, em Lima, para reuniões com delegações estrangeiras enviadas para a posse

Século da instabilidade

O PERU ENFRENTA DESDE 2000 UMA ESPIRAL DE CRISE POLÍTICA, QUE SE APROFUNDOU A PARTIR DE 2016

Alberto Fujimori

Presidente desde 1990, e desde 1992 com poderes extraordinários, foi acusado, em 2000, de subornar deputados para ser autorizado a tentar mais um mandato. Destituído e condenado, também por violações dos direitos humanos, exilou-se no Japão e retornou ao país em 2007, extraditado pelo Chile, para cumprir pena. Libertado por habeas corpus em dezembro de 2023, morreu em setembro do ano seguinte, aos 85 anos.

Valentín Paniagua

Governou como interino entre novembro de 2000 e julho de 2001.

Alejandro Toledo

Primeiro presidente de origem indígena, economista com formação em Stanford (EUA), governou entre 2001 e 2006.

Passados 10 anos, refugiou-se nos EUA após ser condenado no Peru por corrupção. Preso pela polícia norte-americana em 2019, foi extraditado em 2023 e segue cumprindo pena em seu país.

Alan García

Político da histórica legenda social-democrata Apra, foi presidente entre 1985 e 1990 e eleito novamente para o período 2006-2011. Suicidou-se em 2019, quando a polícia foi buscá-lo com mandado de prisão expedido pela Justiça por seu envolvimento no escândalo de subornos pagos a políticos peruanos pela construtora brasileira Odebrecht.

Ollanta Humala

Militar nacionalista, sucedeu García, em 2011, com uma plataforma afinada à dos governos de esquerda sul-americanos. Último presidente eleito a concluir o mandato, em 2016, foi condenado com a mulher a um ano e meio de prisão, por corrupção e lavagem de dinheiro. Voltou a ser julgado e condenado

em 2025, a 15 anos, como parte do escândalo da Odebrecht.

Pedro Pablo Kuczynski

Empresário tornado político, conhecido no país pelas iniciais (PPK), venceu a eleição de 2016, mas renunciou em março de 2018, diante de um segundo processo de impeachment aberto, também por receber propina da Odebrecht.

Martín Vizcarra

Governou como interino até 2020, quando foi destituído pelo Congresso por “incapacidade moral”.

Manuel Merino

Interino por 10 dias, em novembro de 2020, foi igualmente destituído por “incapacidade moral”.

Francisco Sagasti

Concluiu o período originalmente de PPK e entregou o país ao presidente eleito em 2021.

Pedro Castillo

Professor e sindicalista eleito pelo partido Peru Livre, autoproclamado marxista-leninista, governou em minoria no Congresso até dezembro de 2022, quando reagiu a um processo de impeachment determinando a dissolução do Legislativo, que o destituiu por “incapacidade moral”.

Dina Boluarte

Vice de Castillo, ficou no governo até dezembro de 2025, quando o Congresso votou seu impeachment.

José Jeri

Presidente do Congresso, governou como interino até ser destituído por voto de desconfiança, em fevereiro último.

José María Balcázar

Entregará o poder, na terça-feira, para a presidente eleita, Keiko Fujimori. Desde 2019, é investigado por apropriação ilícita de fundos quando presidiu um organismo corporativo regional de advogados.

ORIENTE MÉDIO

Violência sem trégua na Cisjordânia ocupada

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois de ameaçar não receber Benjamin Netanyahu, o presidente dos EUA, Donald Trump, aceitou abrir as portas da Casa Branca para o visitante, hoje. À véspera do encontro entre o republicano e o primeiro-ministro israelense, a violência não dava sinais de trégua na Cisjordânia ocupada, onde colonos judeus voltaram a atacar um vilarejo palestino no meio da noite. Em Beida, ao sul de Nablus, os invasores queimaram caminhões perto de uma fábrica. Também tentaram incendiar uma casa na vila de Talfit. Na madrugada de domingo, um grupo de colonos ateou fogo à mesquita de Qusra, pichou paredes, matou ovelhas e queimou carros. O incidente mais grave ocorreu dois dias antes, quando um confronto matou dois judeus e quatro palestinos. Ontem, retroes-

cavadeiras das Forças de Defesa de Israel (IDF) demoliram lojas e casas na localidade de Anzah, ao sul da cidade de Jenin.

Segundo o jornal *The Times of Israel*, centenas de ex-gerais das IDF assinaram uma carta na qual pedem a Trump que convença Netanyahu a controlar a crise na Cisjordânia. “A menos que seja contida de forma rápida e decisiva, a escalada da violência na Cisjordânia ameaça incendiar a região e traz graves consequências, tanto para a segurança de Israel quanto para os interesses regionais dos EUA”, escreveu Matan Vilnai, major-general da reserva do Exército israelense, em nome do grupo Comandantes pela Segurança de Israel.

Sob a condição de anonimato, um morador de Qusra disse ao **Correio** que as provocações têm se tornado rotineiras. “Vilarejos enfrentam ataques recorrentes — por

John Wessels/AFP



Garoto palestino sobre escombros de lojas perto da cidade de Jenin

vezes, várias vezes num único dia. Centenas de palestinos foram mortos desde o início desses ataques, sem qualquer outra ‘ofensa’ além de serem palestinos que desejam viver em suas próprias terras — as terras de seus ancestrais.”

Marwan Jebril, embaixador da Palestina no Brasil, declarou ao **Correio** que os ataques de colonos ocorrem sob a proteção e, muitas vezes, a cumplicidade das IDF. “Eles refletem a essência do projeto sionista de expulsão da população palestina de sua terra. O objetivo dessas ações é semear o medo, destruir qualquer possibilidade de uma vida segura e forçar o deslocamento da população palestina”, advertiu o diplomata.

De acordo com Jebril, o que ocorre na Cisjordânia insere-se na “continuidade de uma política sistêmica de limpeza étnica, deslocamento forçado e violência que

acompanha a ocupação da Palestina há décadas”. “Sem responsabilização e sem pressão internacional, os ataques de colonos e as violações cometidas por Israel continuarão a ameaçar a estabilidade da região e a minar qualquer perspectiva de uma paz justa e duradoura.”

Irã

Trump mostrou-se otimista quanto à possibilidade de firmar um novo acordo com o Irã. Pelo terceiro dia consecutivo, a pausa nas hostilidades foi mantida pelos dois lados. As hostilidades cessaram temporariamente no sábado. Ao ser interrogado por jornalistas sobre as negociações, a bordo do avião presidencial Air Force One, o republicano respondeu: “Tenho muita paciência... Veremos o que acontece. Acho que há boas chances de que algo possa acontecer”.